



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**A (DES) CONSTRUÇÃO DAS DIFERENÇAS SEXUAIS: DA PERSPECTIVA
IDENTITÁRIA À TEORIA QUEER**

CAJAZEIRAS - PB
2020

ELIZÂNGELA VIEIRA PESSOA DANTAS

**A (DES) CONSTRUÇÃO DAS DIFERENÇAS SEXUAIS: DA PERSPECTIVA
IDENTITÁRIA À TEORIA QUEER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras, como requisito obrigatório para obtenção de título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Dr.^a Nozângela Maria Rolim Dantas

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

D192d Dantas, Elizângela Vieira Pessoa
A (des)construção das diferenças sexuais: da perspectiva identitária à Teoria Queer / Elizângela Vieira Pessoa Dantas. - Cajazeiras, 2020.
36f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Nozângela Maria Rolim Dantas.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2020.

1. Teoria Queer. 2. Sexualidade. 3. Identidade. 4. Gênero. 5. Educação.
I. Dantas, Nozângela Maria Rolim. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

ELIZÂNGELA VIEIRA PESSOA DANTAS

**A (DES) CONSTRUÇÃO DAS DIFERENÇAS SEXUAIS: DA PERSPECTIVA
IDENTITÁRIA À TEORIA QUEER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção de título de licenciada em Pedagogia.

Aprovado em 02/12/2020

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Nozângela Maria Rolim Dantas - Orientadora UAE/CFP/UFCG



Prof. Dr. Alexandre Martins Joca - UAE/CFP/UFCG



Profª. Drª Viviane Guidotti - UAE/CFP/UFCG

Dedico o resultado deste trabalho à minha família, base de sustentação emocional e vínculo eterno na vida do ser humano. Ao meu esposo, companheiro de todas as horas; e aos meus filhos, frutos do meu ventre.

AGRADECIMENTOS

Ao término dessa etapa da minha vida, olho para trás e posso vislumbrar cada momento de aprendizado vivenciado dentro da sala de aula ou da biblioteca, do *campus* da UFCG.

Percebo também que nessa construção de conhecimento, muitas pessoas fizeram parte dessa história, dando a sua contribuição para que eu possa, finalmente, obter o título de graduada e ser chamada de pedagoga.

Sendo assim:

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado até aqui. A Ele, toda honra e toda glória!

Agradeço aos meus pais, que me criaram com zelo e dedicação, ensinaram-me as primeiras palavras e os primeiros passos; apontaram-me o caminho para seguir.

Ao meu esposo, companheiro de todas as horas e incentivador daquilo que busco; aos meus filhos, fonte de inspiração e por suportarem as minhas ausências.

Aos professores, que inicialmente me ajudaram na escolha do tema e no desenvolvimento do Projeto, os quais tiveram um papel fundamental para a realização dessa pesquisa; à professora Nozângela, que segue na orientação da fase final do Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos demais professores, pelos ensinamentos e influência na minha trajetória acadêmica, desempenhando suas funções com responsabilidade, fazendo-me fruto deles.

Aos professores participantes da banca examinadora, por aceitarem o convite e poder contribuir nesse momento da minha vida.

Aos meus colegas de turma, pela convivência em sala de aula, nos estágios e eventos durante esses anos, o que proporcionou sermos considerados família em muitos momentos.

À minha colega e amiga Rozenilda, pela parceria em várias atividades durante as aulas e nos estágios.

Tudo posso naquele que me fortalece.
(FILIPENSES, 4:13).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral fazer uma reflexão sobre as (des)construções das diferenças a partir das políticas de identidade da Teoria Queer, tendo em vista a desestruturação do preconceito e da valorização das diferenças por meio da literatura pertinente ao assunto. Para a realização da pesquisa e sua análise, buscou-se desenvolver uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Este estudo se utilizou de revisão bibliográfica, com consulta do *Google Scholar* na busca de artigos, pesquisas científicas e livros que abordam a temática proposta para discussão, levantamento de dados e análise. O referencial teórico está organizado em duas partes: a primeira traz uma abordagem sobre a Teoria Queer, do seu surgimento e alguns conceitos até à discussão e reflexões mais atuais. A segunda procurou se deter a temática da sexualidade e da construção de identidades. Inserido nesta discussão está o ser humano quando se relaciona com questões referentes a sexualidade, a dualidade sexo/gênero e a não aceitação e imposição de outra parte da sociedade que se denomina heteronormativa. Desse modo, o debate envolve uma problemática bastante relevante por se tratar de uma abordagem que se refere ao direito de ser ou apresentar-se enquanto pessoa LGBTQ+. A partir das análises da teoria, a pesquisa observou que ainda tem um longo caminho a ser percorrido pela comunidade LGBTQ+ e um deles é por meio de uma proposta curricular nas escolas, onde se possa trabalhar essa temática com a comunidade escolar. Além do mais, a discussão também ainda gira em torno do preconceito ético-moral e religioso que é um dos principais obstáculos a ser vencido pelo movimento, em especial nas escolas, pois há muita interferência dos pais e políticos conservadores. No entanto, os teóricos demonstram que, apesar das dificuldades enfrentadas, houve avanços por parte dos movimentos realizados por esses sujeitos em busca de igualdade de direitos para afirmação de suas identidades na sociedade em que vive e no mundo.

Palavras-chave: Teoria Queer. Sexualidade. Gênero. Educação.

ABSTRACT

The present study has the idea of making a reflexion on the differences deconstruction as a general goal, based on the Queer Theory policies, taking in consideration the prejudice deconstruction and the differences appreciation through the literature related to the subject. In order to succeed on doing the research and its analysis, it has been developed a qualitative and bibliographic study. This study used bibliographic review, consulting Google Scholar on searching for articles, scientific researches, books on the subject presented to discuss, data survey and analysis. The theoretical framework is organized in two parts: the first one, brings an approach on the Queer Theory, from its beginning and some definitions until the discussion and reflexion from today's context. The second one, tried to sustain the sexuality and identity construction thematic. Inside this discussion context is the human being when it's related to sexuality matter, gender duality matter, the non-acceptance and imposition from parts of society that defines it self as heteronormative. In conclusion, the debate presents an extreme relevant thematic, because it brings an approach on the rights of being or presenting yourself as a member on the LGBTQ+ community. Using the analysis on the theory, the research has observed that there is still a long way to the LGBTQ+ community to go over, and one way of doing it is through a curricular proposal at schools, enabling the thematic to work along with the school community. Plus, the discussion also relates on the moral, ethic and religious prejudice, that is one of the most difficult obstacles to be beaten by the cause, specially at schools because there are parents' interventions and conservative policies. All though, the theory demonstrates that even with the struggles, there has been advances on the community movements that searches the rights equality to ensure its identities inside the society and in the world.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Diferença de luta entre os dois movimentos: Homossexual e Queer.....	21
--	-----------

LISTA DE SIGLAS

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CFP - Centro de Formação de Professores

CID - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde

HIV Vírus da Imunodeficiência Humana

LGBTQ+ - Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer e todas as outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

MEC - Ministério da Educação

OMS - Organização Mundial da Saúde

PNE - Plano Nacional de Educação

STF - Supremo Tribunal Federal

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO: TEORIA QUEER.....	16
2.1 SURGIMENTOS E ALGUNS CONCEITOS À DISCUSSÃO E REFLEXÕES.....	17
2.2 A ABJEÇÃO COMO PROBLEMÁTICA DO QUEER.....	19
3 A SEXUALIDADE E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.....	22
3.1 SUJEITOS DA SEXUALIDADE.....	22
3.2 SEXO E GÊNERO.....	23
3.3 A TEORIA QUEER E A EDUCAÇÃO.....	25
3.4 POSICIONAMENTO DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE.....	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

A educação é um processo que se constitui em dinâmicas de socialização da cultura e que abrange os seres humanos e os faz transmitir suas experiências culturais e descobertas científicas sistematizadas ao longo do tempo. Nesse sentido, a sociedade tem características históricas e relevantes que estruturam as pessoas de forma individual e coletiva, na transmissão dos costumes para as novas gerações. Alguns modos de pensar e agir também são compartilhados como, por exemplo, o preconceito que vai sendo cultivado por meio da aprovação ou reprovação de comportamentos que vão de acordo (ou não) com os padrões morais exigidos pela sociedade heteronormativo branco (SILVEIRA, 2007).

Para o autor citado, na atualidade faz-se necessário o esclarecimento de maneira científica, sobre temáticas norteadoras de intensas reflexões que explorem a construção de determinados comportamentos. Desse modo, os espaços educacionais são ideias para a promoção da construção de conhecimentos científicos e para a colaboração do exercício da tolerância e respeito das diferenças, fazendo emergir a necessidade na comunidade escolar para a formação e fortalecimento de políticas educacionais voltadas para a construção da cultura dos direitos, do respeito à dignidade da pessoa humana.

Dentre os vários temas que envolvem esse processo educacional podemos citar a sexualidade, principalmente no que diz respeito ao gênero. Segundo Louro (2015), na atualidade podemos perceber que a educação se aponta como fundamental ferramenta para uma discussão no campo teórico na construção de teorias que possam dar um aporte para a compreensão das mais diversas expressões sexuais na sociedade, dentre elas a Teoria Queer que poderia “ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário” (LOURO, 2015, p.54), ou seja, é todo comportamento ou maneira de ser e agir diferente daquilo que é considerado pela sociedade normatizada. Esse processo retoma um diálogo existente entre as ciências sociais e a educação para evitar posturas de indiferença frente ao outro.

Com base em Louro (2015), ao se refletir sobre a educação e normalização social, o sistema educacional e a imposição dos modelos de como ser homem ou ser mulher, masculino ou feminino, heterossexual ou homossexual, é possível se deparar com alguns questionamentos, por exemplo: como propor algo distinto, não normalizador para a educação, na perspectiva do aprendizado com relação à transformação, criando um vínculo social, assim desconstruindo a história de desigualdade e injustiça? Como podemos fazer refletir as mais diversas formas de igualdade e interpretar com um olhar de profundo respeito as diferenças?

Deste modo, Weeks (2000) ao responder questionamentos sobre a relação existente entre o corpo e os desejos, afirma que a sexualidade é mais do que o corpo apesar dele ser o local para tal produção, sendo nosso órgão mais importante àquele que está entre as orelhas, indicando ser a nossa cabeça, a nossa mente; e que a sexualidade tanto tem relação com nossas crenças e o que delas vêm, como também com o nosso corpo. Para o autor, a sexualidade é “um fenômeno social e histórico” (p.36).

Tais argumentos tendenciam reflexões acerca dos termos heterossexualidade e homossexualidade, o que direciona a princípio para a normalidade do primeiro, como forma de induzir o outro a um conceito de anormalidade da sexualidade, pois o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo era tido como pecado, conforme Weeks (2000).

Nessa perspectiva, o estudo é amplo e abstrai vários setores, abrangendo profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, trazendo muitas implicações, embates e debates no que diz respeito à sexualidade, quando as pessoas se apresentam diferentes, pensam diferentes e agem como tal. Assim, na maioria das vezes, os comportamentos de muitas pessoas são de ignorância pela falta de compreensão e conhecimento científico, para assim, entender e falar com propriedade sobre os assuntos relacionados, pois por esse viés, cada um é o que é, e o que sente.

Sobre isso, há possibilidade de fazer um estudo aprofundado sobre a Teoria Queer, trazendo abordagens de autores como Miskolci (2012) e Louro (2015), que estudaram e pesquisaram os comportamentos, sentimentos e pensamentos de pessoas e sua sexualidade. Esses autores trouxeram para a pesquisadora uma profunda inquietação, ao refletir sobre o preconceito que existe na sociedade, pois causa violência física e psicológica, além de um mal-estar social pela exclusão e marginalização desses grupos. Dessa forma, é preciso entender e relacionar tais comportamentos para que não se caia na ignorância do preconceito, não apenas sobre a aceitação das diferenças, mas também como contribuir para a sociedade ainda mal esclarecida.

Nesse sentido, o ser humano vive em uma sociedade laica e humanista, que busca valores culturais e princípios éticos, cabendo a pesquisadores e estudiosos esclarecer a respeito dos direitos humanos, sobre as diversidades e os compromissos sociais para o desenvolvimento crítico e reflexivo das pessoas. É primordial o debate dos conhecimentos sobre as diferenças, para assim, se banir o preconceito nos espaços educacionais.

Destarte, o trabalho se justifica pela necessidade de se querer contribuir para uma proposta de compreensão das diferenças entre os indivíduos, com base nos princípios da liberdade, igualdade e diversidade humana, para que haja no campo educacional a eliminação

do preconceito, que certamente diminuirá o distanciamento entre o normativo e a valorização da dignidade humana.

Esse tema me chamou atenção no sexto período do curso de Pedagogia, quando a professora Thaís, na disciplina Educação, Cultura e Diversidade, passou um trabalho, e o tema Teoria Queer foi um dos apresentados. Desta forma procurei conhecer mais a respeito da temática, e quis trazê-la para a minha monografia.

Neste aprofundamento surge minha problemática ao tratar de uma abordagem que se refere ao direito de ser ou apresentar-se enquanto pessoa LGBTQ+.

Sendo assim, para a elaboração e desenvolvimento dessa pesquisa foram pensados os seguintes objetivos: Objetivo geral: Refletir sobre as (des) construções das diferenças sexuais a partir das políticas de identidades da Teoria Queer, tendo em vista a desestruturação do preconceito e da valorização das diferenças por meio da literatura pertinente ao assunto. Para realizar essa meta foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) apresentar os fundamentos históricos e teóricos sobre a Teoria Queer; b) analisar as questões relacionadas ao tema, como a sexualidade, sexo e gênero.

Este trabalho foi dividido em duas partes: a primeira traz uma abordagem sobre a Teoria Queer, do seu surgimento e alguns conceitos até à discussão e reflexões mais atuais. A segunda procurou se deter a temática da sexualidade e da construção de identidades.

Nessa perspectiva, sabe-se que a sociedade é de natureza contraditória, ou seja, ao passo em que promove discussões de igualdade também dá sustentação a heteronormatividade, desestabilizando o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana e o direito de ser respeitado independentemente do gênero, da raça, do sexo e da religião. Dito isso, considera-se relevante esse estudo para que se dê visibilidade científica às diversas formas de comportamentos afetivos e sexuais, trabalhando os aspectos históricos e teóricos do tema em questão.

Quanto a metodologia, este estudo se utilizou de revisão bibliográfica, com consulta do google scholar na busca de artigos, pesquisas científicas e livros que abordam a temática proposta para discussão, levantamento de dados e análise. Segundo a natureza de dados, esta pesquisa se enquadra como qualitativa porque “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento” (MARCONI; LAKATOS, 2007, p.269).

Nessa perspectiva, a referida pesquisa se apresenta como bibliográfica e qualitativa, porque serão realizados procedimentos para a coleta de dados e obtenção de informações, e

por se preocupar em compreender e interpretar os dados coletados, respectivamente; ainda pode ser exploratória, ao trazer esclarecimentos das discussões aqui realizadas; e explicativa, por comprovar as causas que colaboram para o avanço de um acontecimento (GONSALVES, 2011).

Assim, com base na metodologia, as informações apresentadas servirão para compreensão e interpretação dos questionamentos aqui feitos, chegando-se a uma conclusão quanto as abordagens dos autores consultados forem comparadas em resultados e discussões. Por se tratar de pesquisa com base em revisão bibliográfica e não diretamente com seres humanos, não se fará necessário encaminhar o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Tendo em mente a inegável importância para o ambiente educacional e a sociedade como um todo, fazem-se necessários trabalhos com essa abordagem para que os profissionais tenham conhecimento dessa parcela da população e saiba como lidar e para que esse público tenha uma maior visibilidade e que possamos com isso, contribuir com a eliminação desse preconceito.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: TEORIA QUEER

Esse capítulo está organizado em duas partes: a primeira traz uma abordagem sobre a Teoria Queer, do seu surgimento e alguns conceitos até à discussão e reflexões mais atuais. A segunda procurou se deter a temática da sexualidade e da construção de identidades.

Como referência para elaboração da primeira parte desse capítulo foi utilizado o autor Miskolci (2009, 2012), que se refere ao surgimento e aos motivos ou razões de ser da Teoria Queer. Além desse, buscou-se amparo nos escritos de Louro (2000, 2012 e 2015), que procura fazer a definição da Teoria Queer como “estranho, raro, esquisito” e ainda como “sujeito da sexualidade desviante”.

Na segunda parte da fundamentação foi utilizado os estudos de Louro (2015), que trata sobre a sexualidade e a construção da identidade do sujeito, assim como de sua relação com o próprio corpo. Este autor segue afirmando que após tantos desafios desses sujeitos, a sexualidade torna-se alvo de vários estudiosos, órgãos e instituições, através de uma política pós-identitária com o objetivo de ser explicada, regulada, normatizada, dentre outros argumentos. Para tratar sobre a dualidade sexo/gênero e a desconstrução do gênero foi utilizado os estudos de Butler (2003).

Para finalizar o capítulo, retoma-se ao autor Miskolci (2012), que trata sobre as relações de poder presentes na escola heteronormativa, pois a forma de organização e de produção do conhecimento está centrada por parte de quem domina os saberes, tornando a sexualidade objeto de análise de vários estudiosos. Ainda permeando o estudo, tem-se os estudos de Louro (2015), que trata sobre o currículo da pedagogia Queer para atuar nas questões relacionadas às diferenças, à homofobia. Louro (2012) procura discutir a aproximação da educação com os saberes Queer, pois mesmo o Queer estando para a desconstrução e a educação para a prescrição, professores têm dúvidas e questionam como inseri-lo no currículo escolar.

2.1 Surgimentos e alguns conceitos à discussão e reflexões

O Queer surge a partir dos movimentos sociais engajados na luta por querer separar a sexualidade da reprodução, fazendo com que se perceba o valor do prazer e outras possibilidades de relacionamentos, no âmbito político (MISKOLCI, 2012).

Essa questão gerou várias obras acadêmicas sobre o assunto em muitos países, como no Brasil, na França e nos Estados Unidos, destacando dentre os precursores da Teoria Queer da época, Guy Hocquenghem com sua obra *Le désir homossexual* (o desejo homossexual), no início de 1970, que trata sobre o medo da homossexualidade (MISKOLCI, 2012).

A política *queer* está estreitamente articulada à produção de um grupo de intelectuais que, ao redor dos anos 90, passa a utilizar este termo para descrever seu trabalho e sua perspectiva teórica. Ainda que esse seja um grupo internamente bastante diversificado, capaz de expressar divergências e de manter debates acalorados, há entre seus integrantes algumas aproximações significativas (LOURO, 2001, p. 546).

No entanto, historicamente a Teoria Queer se define na década de 1980, nos Estados Unidos em meio a epidemia da AIDS que gerou grande pânico sexual naquele momento, aumentou a exclusão e preconceito com relação à comunidade LGBTQ+, além da recusa dos Estados Unidos de reconhecer o caso como saúde pública emergencial, sendo considerada uma doença sexualmente transmitida, provocando sofrimento àqueles que não viviam do modo tradicional. Em meio a toda essa pressão, as pessoas passaram a aprender mais sobre elas mesmas, sobre a sexualidade e na forma como a viviam (MISKOLCI, 2012).

Quanto mais a sexualidade era evidenciada pelos movimentos sociais na sociedade, maior era a necessidade dessa sociedade de exercer o controle sobre esses movimentos no intuito de abafar as reivindicações em defesa de que a homossexualidade não é uma doença e que essas pessoas poderiam viver dignamente como qualquer outra.

Logo, nesse processo surgiu os conceitos como Biopolítica e medicalização da sexualidade, onde médicos e psiquiatras diagnosticavam as pessoas LGBTQ+ dentro dos desvios da sexualidade como por exemplo, a homossexualidade e a masturbação infantil, e estabeleciam regras e protocolos de tratamentos.

Foucault desenvolve suas análises da medicalização a propósito da constituição da categoria de sexualidade nos séculos XVIII e XIX, e do lugar central que irá ocupar a sexualidade (sob a forma da masturbação) na determinação e no tratamento das anomalias psiquiátricas. Ele constrói uma teoria da medicalização (da sexualidade) a partir de uma série de linhas convergentes: a gênese religiosa do dispositivo de sexualidade, a constituição dos saberes psiquiátricos, a medicalização da família para exercer a vigilância da masturbação infantil e a biopolítica, como forma de organização política de regulação das populações. A construção do dispositivo de

sexualidade é fundada, de forma geral, sobre o procedimento religioso da confissão, preliminar à "colocação do sexo em discurso" (GIAME, 2005, p.262).

Assim, a Teoria Queer surge nos Estados Unidos no final da década de 1980, como crítica a estudos da sociologia que tratavam “sobre minorias sexuais e gênero”. Esse projeto passou a ter reconhecimento a partir de palestras dadas em universidades que tratavam sobre a dinamicidade da sexualidade (MISKOLCI, 2009).

Nesse sentido:

Teórica e metodologicamente, os estudos *queer* surgiram de um encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação. [...] ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido (MISKOLCI, 2009, p.152).

Nessa perspectiva, o diálogo com as ciências sociais foi composto por estranhamento e afinidade em prol da compreensão da sexualidade no contexto social e histórico, porque até 1990 a sociologia considerava a ordem social a partir da heterossexualidade. Desse modo, ao rejeitarem o pensamento sociológico, teóricos Queer, se apropriaram do termo pejorativo ressignificando e, ao mesmo tempo, usaram como compromisso no desenvolvimento de uma “analítica da normalização” centrada na questão da sexualidade (MISKOLCI, 2009).

Com base nos estudos de Foucault, Miskolci (2009, p. 153) afirma que “a sexualidade não é proibida, antes produzida por meio de discursos”, porque a forma de organização e de produção do conhecimento está centrada por parte de quem domina os saberes, tornando a sexualidade objeto de análise de vários estudiosos.

Louro (2015), ao tratar sobre o tema em questão, traz alguns conceitos para a expressão Queer, como:

Queer é estranho, raro, esquisito. [...] o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. [...] é um jeito de pensar e de ser [...]. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2015, p. 7-8).

Frente a isso, podemos compreender que as pessoas inseridas nesses grupos citados pela autora podem ser consideradas estranhas, excêntricas, provocantes, fascinantes pelo fato de não estarem em grupos considerados “normais” pela ordem social, ou seja, pelo sexo ou gênero masculino e feminino, como tradicionalmente se conhece.

A expressão Queer também é usada para reconhecer pessoas homossexuais e também utilizadas pelo movimento LGBTQ+ em oposição e contestação à heteronormatividade (LOURO, 2015).

Ainda sobre sua definição, Salih (2015) ao interpretar “Judith Butler e a Teoria Queer”, demonstra em seus estudos que a referida teoria surgiu de uma aliança de teorias feministas que versavam sobre a categoria do sujeito, e que “*Queer*” foi tomado de um termo usado primeiramente para ofender e insultar, tornando-se em expressão que não se preocupa “com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação” (p.19).

A autora ressalta que o contexto definidor para o surgimento da Teoria Queer está baseado nos anos 1980 e 1990, quando muitos defensores da ‘cultura hétero’ eram contra os gays porque consideravam o vírus da AIDS que acometia muitas pessoas naquele momento, era proveniente da homossexualidade. Os defensores da heteronormatividade chamavam o vírus do HIV de ‘praga-gay’, porque os gays eram tidos como promíscuos. Esse tipo de pensamento aumentou ainda mais o preconceito contra a comunidade LGBTQ+ entre a sociedade.

2.2 A abjeção como problemática do Queer

Miskolci (2012) chama atenção para o fato de que a problemática Queer não se refere propriamente a questão da homossexualidade, mas a da abjeção, por fazer referência ao espaço em que grupos relegam àqueles que consideram como sendo obstáculos para o bom andamento da ordem social e política.

O termo abjeção tem origem na psicanálise e é muito usado pelos teóricos Queer. Já “o abjeto é algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso como contaminador e nauseante”. Assim, quando alguém fala mal ou rotula outro, está fazendo julgamento e classificando-o como “objeto de nojo” (MISKOLCI, 2012, p. 40).

Nesse sentido, a abjeção faz com que o sujeito se sinta temido e recusado com repugnância, pois a sua existência se torna ameaçadora para a comunidade que vive de forma homogênea e estável. Assim, era a identidade do aidético na década de 1980 (MISKOLCI, 2012).

Baseado em Mary Douglas (1991), o autor apresenta a explicação sobre a dinâmica da abjeção, que induz pessoas a se comportarem socialmente de maneira a extirparem de si o que

é tido como impuro ou anormal. Assim, fazendo uma leitura dessa dinâmica, entende-se que as pessoas se comportam como se não fossem elas mesmas, mas sim o que a sociedade espera que elas sejam.

Para o autor supracitado, por mais que o movimento de gays e lésbicas quisesse mostrar que eram pessoas normais e de respeito, o movimento Queer diz que eles seriam atacados e transformados em abjetos. Ressaltando que as pessoas acometidas pelo HIV não faziam parte do grupo pelo qual esse movimento lutava na década de 1960, pois em sua maioria o movimento homossexual surge “de uma classe-média letrada e branca, ávida por aceitação e até mesmo por incorporação social” (MISKOLCI, 2012, p. 25).

Diferentemente do movimento homossexual, os Queer se pautavam menos pela aceitação ou incorporação pela coletividade e focavam mais na crítica às exigências, valores e convenções que a sociedade impunha; os Queer tinham preferência pelo desafio de enfrentar mudanças na sociedade para que lhes fosse aceitável. O outro movimento na defesa da homossexualidade aceitava os valores hegemônicos, mas os Queer criticavam esses valores provando como eles poderiam engendrar a vivência da abjeção e suas consequências (MILKOLCI, 2012).

Desse modo, tem-se no primeiro movimento a defesa da homossexualidade contra a imposição da heterossexualidade, enquanto o movimento Queer mantinha sua crítica a evolução da heteronormatividade que até aceitava gays e lésbicas que fossem normalizados, e era contra os que conduziam suas vidas afetivas de outro modo, no “modelo heterorreprodutivo” (MISKOLCI, 2012, p. 25).

O autor segue enfatizando que “o Queer não é uma defesa da homossexualidade”, pelo contrário, se apresenta contra valores que fazem prevalecer à abjeção, uma linha dura que separa aqueles aceitos pela sociedade e os que são humilhados e desprezados pela coletividade (p. 25).

A partir de 1993, o movimento se torna perceptível por ocasião da Parada do Orgulho Gay de São Francisco, por adotar o Queer como tema, fazendo desestabilizar assim o sentido político dos outros movimentos LGBTQ+, negros e feministas, porque o Queer vai mais além das concepções desses movimentos, pois o seu objetivo é tornar visíveis às injustiças e violências envolvendo pessoas consideradas normais e anormais.

Quadro 1- Diferença de luta entre os dois movimentos: Homossexual e Queer

	Homossexual	Queer
Regime de verdade	Binário hetero-homo	Normal-anormal
Luta política	Defesa da homossexualidade	Crítica aos regimes de normalização
Perspectiva	Diversidade	Diferença
Concepção de poder	Repressora	Disciplinar/controle

Fonte: Miskolci (2012, p. 27).

No quadro 01, encontramos a demonstração em linhas gerais das principais diferenças existentes entre o movimento homossexual e a Teoria Queer. Esse quadro demonstra as diferenças existentes na perspectiva de luta política de cada movimento, sendo os homossexuais mais inclinados a aceitar e se adaptar as normas ditadas pelo padrão heteronormativo, e o movimento Queer, que rejeita essa ditadura padronizada do regimento vigente e luta para mudar a sociedade e critica os valores que oprimem e causam estigmas.

Diante de toda essa discussão, podemos constatar que existe um potencial de violência para com essa população na qual a sociedade ainda hostiliza e até mesmo cometem crimes ou os reprimem e os perseguem ao ponto de fazerem os mesmos cometerem suicídios. De acordo com um relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia, 329 LGBTQ+ tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homotransfobia em 2019. Foram 297 homicídios e 32 suicídios. Isso equivale a 1 morte a cada 26 horas.

Para se entender o que se discute aqui, é necessário conhecer quais sujeitos estão inseridos nesse contexto, apresentados a seguir.

3 A SEXUALIDADE E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

3.1 Sujeitos da sexualidade

Sobre esses sujeitos importa saber o que representam os termos atribuídos a eles na sociedade para poder se situar neste estudo e tratá-lo com respeito. Assim: Transexual refere-se ao indivíduo que nasce com determinado sexo, mas se reconhece como de outro; em relação à pessoa travesti, a diferença entre este e aquele está na auto identificação e no valor socioeconômico. Já a pessoa homossexual é aquela que tem uma identidade de gênero e se interessa por alguém que tem a mesma identidade, diferente da pessoa bissexual que se interessa pelos dois gêneros. As pessoas drags queens referem-se a artistas que se vestem para apresentações e isso é independente de sua identidade de gênero (VIEIRA, 2014).

O que pode então significar ‘identidade’, e o que alicerça a pressuposição de que as identidades são idênticas a si mesmas, persistentes ao longo do tempo, unificadas e internamente coerentes? [...] como essas suposições impregnam o discurso sobre as ‘identidades’ de gênero? Seria errado supor que a discussão sobre a ‘identidade’ deva ser anterior à discussão sobre a identidade de gênero, pela simples razão de que as ‘pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero (BUTLER, 2003, p. 37).

Sobre a construção de identidades, formação de consciência e caráter, transformação do corpo, o modo de ser e estar, Louro (2015) procura mostrar que essa identidade vai sendo construída ao longo da vida e durante o percurso da história de cada um. A autora demonstra que a sociedade impõe que essa identidade seja estabelecida desde o momento em que a pessoa nasce e seja determinada pelo sexo biológico. No entanto, essa descoberta vai sendo organizada à medida que a pessoa vai se descobrindo e se autoconhecendo.

Nessa perspectiva, a autora associa essa descoberta a uma viagem. Esse processo vai sendo realizado quando a pessoa percorre o seu íntimo e passa a si conhecer melhor, porque é possível pensar que o “sujeito também se lança numa viagem, ao longo de sua vida, na qual o que importa é o andar, e não o chegar”, pois o mais importante é o que acontece durante o percurso, porque o ato de movimentar-se em busca de objetivos é o que lhe garante o equilíbrio (LOURO, 2015, p. 13).

A autora ainda usa o recurso da viagem para mostrar a questão do gênero e da sexualidade, quando se declara ou se define que a criança é menina ou menino ao nascer, com base nas características físicas, implicando que o ‘dado’ sexo vai determinar o gênero e induzir uma única forma de desejo”. Isso implica em se seguir uma ordem já estabelecida,

fazendo com que o sujeito se comprometa ao “processo de masculinização ou feminização” (LOURO, 2015, p. 15-16).

A autora afirma que as relações entre pessoas do mesmo sexo no passado eram tidas como sodomia, algo pecaminoso, mas as coisas mudaram a partir da metade do século XIX, porque tais práticas faziam surgir um sujeito que seria marcado pelo desvio da norma e seu destino seria o da segregação (LOURO, 2001).

Com o passar do tempo a homossexualidade se tornou uma questão social importante e um tema muito atual. No entanto, visto pela perspectiva da moralidade, os sujeitos homossexuais são considerados como sendo desviantes, anormais e inferiores; e por outro lado, para os que respeitam a perspectiva mais humana eles são considerados normais e naturais, mesmo que todos os considerassem como sujeitos distintivos (LOURO, 2001).

Entretanto, em meio as regras, haverá sempre os que as transgridam e que se tornam alvos para punições, correções, recuperações e exclusão da sociedade, havendo em ato contínuo um trabalho pedagógico no sentido de mostrar ao sujeito qual o gênero a que pertence. Por outro lado, “os próprios sujeitos estão empenhados na produção do gênero e da sexualidade em seus corpos” (LOURO, 2015, p. 17). Mesmo sob constrangimentos porque o grupo da heterossexualidade aponta os padrões que devem ser vividos.

E nessa construção de sujeitos de gênero e de sexualidade, é impossível não os perceber, pois eles não se conformam com as regras de um sistema mais amplo e se desviam da direção planejada para todos, se afastam e ao mesmo tempo são criativos, gerando oportunidades de se posicionarem quando as suas opções, o seu modo de ser e seus objetivos marcam limite e espaço (LOURO, 2015).

Após tantos desafios desses sujeitos e de acordo com a autora citada, a sexualidade torna-se alvo de vários estudiosos, órgãos e instituições através de uma política pós-identitária com o objetivo de ser explicada, regulada, normatizada, dentre outros argumentos.

3.2 Sexo e Gênero

Para Butler (2003), a dicotomia sexo/gênero se apresenta como alicerce de fundação da política feminista, partindo da ideia de que sexo é algo natural e gênero é produto da construção social. Para a autora, o sexo natural não é o determinante de se dizer que o “homem” pertença a um corpo masculino, ou que a expressão “mulher” signifique que seu corpo seja feminino.

A autora vai mais além, quando aponta para a ideia de que gênero, quando considerado independente, e, não se apresenta como sistema binário, reflete ou está restrito ao sexo. Por esse viés, as expressões “homem” e “masculino” poderiam estar tanto para um corpo feminino quanto para um masculino e vice-versa.

A partir dessas premissas, a autora constrói sua argumentação sobre essa dualidade:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2003, p. 25).

Nessa perspectiva, Butler (2003) desconstrói a dicotomia sexo/gênero, ou seja, o sexo não é natural, mas pode ser também discursivo e cultural, assim como o gênero tem sido considerado. Assim, se sexo e gênero são socialmente construídos, devem ser considerados a mesma coisa não havendo distinção entre ambos. Dessa forma, a autora nos leva a pensar no fim da lógica de que dependendo do órgão sexual da criança, ela será menino ou menina. Logo, para a autora não será o órgão sexual que determinará a identidade da pessoa ao longo de seu processo de crescimento.

Ainda nessa concepção, ao tratar o sexo como natural e o gênero como construído, é aceitar também que o gênero seja essência do sujeito. O gênero seria também “um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (BUTLER, 2003, p. 29).

Para Miskolci (2012), o que aconteceu para que uma nova política de gênero originasse uma corrente teórica, foram as transformações políticas e culturais de 1960, que produziram conhecimento e conseqüente reflexões acerca da sexualidade, que passou a ser considerada como algo construído socialmente, o que antes era explicado pela Biologia.

Sobre isso, os estudos Queer vêm mostrar que a ideia de que os heterossexuais são maioria deve ser questionada, em razão de que se a homossexualidade é construída socialmente, a heterossexualidade pode ser também (MISKOLCI, 2012).

O autor ressalta que os profissionais da educação testemunham que “são meninos femininos e meninas masculinas, pessoas andróginas ou que adotam um gênero distinto do esperado socialmente, que costumam sofrer injúrias e outras formas de violência no ambiente escolar” (MISKOLCI, 2012, p. 32). O autor ainda afirma que pela forma como persegue

homens e mulheres, a sociedade incentiva o bom comportamento de pessoas que escondem o desejo por outras do mesmo sexo.

3.3 A Teoria Queer e a Educação

No âmbito educacional, a Teoria Queer é uma temática nova e atual, pois vários profissionais da educação ainda a desconhecem. Segundo Miskolci (2012), um dos primeiros trabalhos produzidos no Brasil nessa área foi a “Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação”, de Guacira Lopes Louro, em 2001.

Para o autor, dentre as muitas razões da boa acolhida da Teoria Queer a partir da Educação, assim como da Comunicação, da Linguística e da Psicologia aqui no Brasil, é o fato de o país possuir uma característica própria para recepcionar e ainda considerada como algo positivo porque ampliou o interesse por assuntos relacionados ao tema.

Essa boa acolhida pode ter relação com a sensibilidade crítica dos educadores brasileiros, pela experiência com as imposições no que se refere aos “modelos de comportamento, padrões de identidade e gramáticas morais aos estudantes”, durante vários anos. Essa posição de apoiar a Teoria Queer faz com que os educadores brasileiros estejam à frente de outros países que permanecem ainda com tema em especulação, sem respaldo para interferir em alguma mudança social (MISKOLCI, 2012, p. 36).

Embora, haja boa receptividade pelo tema, a questão é: como inseri-lo na educação? Segundo o autor citado, é preciso dialogar de forma crítica no espaço escolar com pessoas sem qualificação no âmbito da educação e da vida em sociedade. Para o autor, esse diálogo pode ser a educação que se busca e que vai mudar o papel da escola, sendo um projeto ambicioso e desafiador, promissor e incerto.

Através da história, sabe-se que a escola sempre foi um espaço para o processo de normalização coletiva das pessoas, porque havia interesse do estado pela unificação das nações. Dessa forma, era importante educá-las para torná-las cidadãs do Estado-nação, que tinha a intenção de governá-la a partir de um modelo heteronormativo (MISKOLCI, 2012).

Para o autor, é também no ambiente escolar e diante das muitas imposições, que a pessoa descobre quem é e como é, se magro ou gordo, baixo, negro ou afeminado. Em meio a essa violenta socialização escolar o que hoje é denominado de bullying, é algo antigo e que a própria escola tinha participação direta.

Fazendo uma relação da normalização que sempre existiu na escola com a sexualidade, pensada como relações sexuais por muitos, mas que também pode envolver

desejo, afeto, auto compreensão, a intimidade de alguém e sentimentos mais profundos, não é de surpreender que a sociedade encontrasse aí uma forma de normalizar as pessoas, sendo uma forma de abjeção, porque lida com o que está no mais íntimo em alguém (MISKOLCI, 2012).

Para Louro (2012), estão sendo praticadas experiências com a intenção de se introduzir a Teoria Queer nos currículos e nas escolas. Porém, essa experiência ainda se apresenta tímida, pois não é algo reconhecido pelo Estado.

A pedagogia Queer e o seu currículo, trata-se de uma proposta onde as escolas podem aderir ou não, se diferenciariam de outros programas bem-intencionados, que tolerariam as diferenças. No entanto, essa pedagogia é vista como algo exótico, porque estaria voltada para as “diferenças e trabalhariam [...] com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades”. Ela se refere a identidade de gênero e a sexualidade do sujeito, algo ainda considerado como um tabu na sociedade. Além disso, levar-se-ia em consideração as relações do eu com o outro, a diferença seria compreendida para a existência do sujeito (LOURO, 2015.)

A autora prossegue, mostrando que dentro da pedagogia Queer, a naturalização e a superioridade da heterossexualidade seriam colocadas em xeque, que o combate à homofobia precisaria avançar; trabalhar-se-ia a desconstrução do processo que tornam pessoas normalizadas e outras marginalizadas, fazendo sobressair a heteronormatividade, evidenciando constantemente preceitos sociais que regulam e garantem a identidade sexual.

Para garantir o respeito e a diversidade, teríamos que introduzir uma pedagogia e um currículo que dê suporte para a eliminação do preconceito. “Uma pedagogia e um currículo conectados à Teoria Queer teriam de ser, portanto, tal como ela, subversivos e provocadores. Teriam que fazer mais do que incluir tema ou conteúdos; ou mais do que se preocupar em construir um ensino para sujeitos Queer” (LOURO, 2015).

Para a autora, essa pedagogia é voltada à libertação, pois ela é contrária à segregação, fortalecendo suas atividades, aplicando correções aos que praticam hostilidade; sendo assim, ela quer falar, discutir e levar o conhecimento a todos e não somente aos que fazem parte dos Queer.

Louro (2012) afirma que esses estudos já causam impacto na educação através da pesquisa e das instituições de ensino superior. Aqui no Brasil, por exemplo, muitos grupos buscam se apropriar desses saberes e se juntar à militância, multiplicando-se. Os meios e as estratégias de ações são diferenciados e, apesar, de as iniciativas serem localizadas e pontuais, elas produzem efeito, mesmo que minoritariamente.

No entanto, mesmo havendo uma aproximação, vale lembrar que de um lado, o Queer trabalha a desconstrução enquanto a educação trabalha a prescrição, gerando dificuldades e vários questionamentos por parte de professores, pois nessa condição, como se trabalharia o tema na rotina do dia a dia e em sala de aula, e como inseri-lo no currículo? (LOURO, 2012).

Tais dúvidas e questionamentos levam a compreensão de que há um interesse de colocar em prática as novas ideias, e proporcionar mudanças que beneficiem as ansiedades de alunos e alunas com os quais convivem esses professores.

Se o Queer “for compreendido como um movimento ou uma tendência” estaria no currículo escolar “para estranhá-lo”, porque provocaria mudanças mais fortes ao se conceber o conhecimento (LOURO, 2012, p.367). O conhecimento pode levar a pessoa a refletir sobre seus atos e sobre o seu meio. Essa reflexão pode causar mudanças de comportamentos e a visão de mundo que a pessoa carrega consigo, proporcionando a quebra de paradigmas já impostos culturalmente.

Sobre essas mudanças mais fortes, pode-se pensar em várias propostas que proporcionariam melhora nas relações entre alunos, educadores e sociedade. A se começar pelo respeito e a garantia dos direitos de ser e viver de cada um.

3.4 Posicionamento da Organização Mundial da Saúde

O dia 17 de maio é considerado o Dia Internacional Contra a Homofobia e a Transfobia, pois há 30 anos a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o homossexualismo com seu sufixo “ismo” referindo-se na medicina como doença, da 10ª edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças/CID-10 (MAIA, 2020).

Conforme Maia (2020), já o sufixo “dade” do termo sexualidade se refere a comportamento e estava no mesmo nível de transtornos como a pedofilia, porém em 1973, foi banido da lista de distúrbios pela Associação Americana de Psiquiatria.

Ao considerar a homossexualidade não mais como uma patologia, a OMS possibilitou aos insatisfeitos com a sua homossexualidade procurarem tratamento. Assim, considerando essa orientação sexual como egodistônica, foi retirado também da 11ª versão do CID-11, o status de transtorno psíquico referente à egodistonia valendo a partir de janeiro de 2022. Da mesma forma, a transexualidade deixa de ser doença (MAIA, 2020).

Sobre isso, o Conselho Federal de Psicologia proíbe os psicólogos brasileiros de praticar terapias para reversão sexual de LGBTQ+, considerando que não se cura doença inexistente. Por outro lado, psicólogos cristãos ganharam nos tribunais através de liminar em

setembro de 2017 permissão para oferecer assistência nesse sentido, o que gerou muitos protestos em todo o país. Porém, o juiz Waldemar de Carvalho quis com sua decisão conceder direito a esses psicólogos de poder atender as pessoas que não se sentissem satisfeitas com a sua orientação sexual egodistônica (MAIA, 2020).

Para o autor, a prática desse serviço foi ofertada de setembro 2017 a abril de 2019, porém a Ministra Carmem Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu o serviço dando parecer favorável ao recurso impetrado pelo Conselho Federal de Psicologia, e suspendeu a ação popular movida pelos psicólogos cristãos.

Nesse sentido, é possível perceber uma luta muito grande por parte da categoria LGBTQ+ em busca de direitos, da mesma maneira que outros grupos com entendimento diferente a respeito da questão, tenta contribuir sem ser aceito ou entendido. A questão torna-se complexa, gerando vários desentendimentos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Respondendo aos objetivos deste estudo, a partir das discussões apresentadas pelos autores consultados, compreende-se que a partir de Miskolci (2009), a Teoria Queer é um projeto que visa trazer uma compreensão sobre a sexualidade no contexto social e histórico, mostrando a sua dinamicidade. E que o seu surgimento acontece do encontro de algumas correntes filosóficas e estudos culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que tratavam sobre as concepções de sujeito e identidade.

Louro (2015) faz uma abordagem mais profunda e detalhista, quando usa o termo Queer para se referir a “estranho”, “esquisito”, fazendo uma referência aos “sujeitos da sexualidade desviante”, aqueles que se rebelam, quebram regras e não se intimidam diante das imposições da sociedade.

Em sua sensibilidade, a autora usa aspectos de viagens para levantar sua argumentação de construção da personalidade do ser humano, pois da mesma forma que numa viagem o sujeito tem contato com outras pessoas e lugares diferentes, e adquire experiências, assim é na vida. Constrói-se o jeito de ser, a personalidade e o caráter ao longo do movimento da vivência, o que dá a direção daquilo que se quer ser.

Já Butler (2003) em suas conclusões, traz questionamentos sobre a desconstrução da dualidade sexo/gênero, atribuindo à política feminista essa dicotomia, ao considerar sexo como um dado natural e gênero como sendo discursivo e cultural.

Para a autora, a ordem compulsória proveniente da sociedade em que se vive aponta para a coerência do fator sexo obrigatoriamente direcionar o desejo do indivíduo. Isso quer dizer que se a criança nascer menino, ela vai sentir desejo por menina e vice-versa. Entretanto, o sexo pode ser discursivo e cultural, assim como o gênero. Nesse sentido, ambos os elementos são a mesma coisa.

Nesse mesmo raciocínio, para Louro (2015), não é o sexo que vai determinar o gênero de uma pessoa e nem a induzir ao desejo.

De maneira geral, detectam-se alguns fatores importantes nessa análise: um esclarecimento mais profundo sobre o tema para aqueles que o desconheciam, assim como para a pesquisadora, gerando mais conhecimento sobre a natureza e comportamento humano; compreensão e respeito pelo diferente e ainda à percepção da realidade atual, na afirmação de identidade desses grupos, através de suas lutas.

Já sobre a posição da educação nesse contexto, segundo Louro (2015), esta se aponta como ferramenta importante para uma discussão na construção de teorias que apoiem a compreensão de diversas expressões sexuais na sociedade, dentre elas a Teoria Queer.

Para a autora, é possível se deparar com alguns questionamentos que apontem para mudanças. Assim, como propor algo distinto e não normalizador na educação que desconstrua a história de desigualdade e injustiça? Ou, como se podem fazer refletir as mais diversas formas de igualdade, respeitando as diferenças?

Outro ponto relevante nesse estudo é a contribuição que a pesquisadora leva para o meio acadêmico, de onde poderá ser compartilhado com a sociedade em geral.

A partir da conjuntura atual governamental o tema ideologia de gênero ainda não foi aceito como pauta de discussão em âmbito escolar. No Brasil, o termo “ideologia de gênero” ficou famoso quando o Ministério da Educação (MEC) buscou incluir educação sexual, no combate às discriminações e promoção da diversidade de gênero e orientações sexuais no Plano Nacional de Educação (PNE), em 2014. Os últimos dois pontos, entretanto, geraram uma grande reação por parte de grupos conservadores, que não consideravam as pautas sobre questão de gênero apropriada ao ambiente escolar, e o projeto foi preterido. Depois de muitos protestos por parte da população, liderada por grupos religiosos e pela Escola sem Partido, o PNE foi aprovado sem fazer menção a gênero e orientação sexual (MORAIS, 2018).

Atualmente, a humanidade está enfrentando uma pandemia viral que causou o fechamento de várias escolas no mundo inteiro, o que dificultou essa pesquisa, uma vez que o ideal seria uma pesquisa de campo com os professores e outros profissionais da educação, e por isso optou-se por uma revisão bibliográfica.

No tocante as formações de opinião nos direcionaram mais uma vez para a escola, e sabemos que podemos encontrar dificuldades no ambiente escolar referente aos educadores de como lidar com temáticas polêmicas, uma vez que nós não estamos capacitados para explorar assuntos que estão cada vez mais presentes na vida dos estudantes, como por exemplo, a sexualidade.

Na realidade, é difícil assumir uma postura crítica em defesa da igualdade dos direitos humanos em relação a liberdade de escolha da sexualidade, quando não temos fundamentação teórica e prática para discutir um tema dessa natureza. Embora se afirme que não existe preconceito com relação a opção sexual de nossos alunos, ainda estamos muito presos à formação do aluno voltado para os princípios de moralidade defendidos por uma dada religião. Aliás, na maioria das vezes reproduz-se aquilo que é estabelecido pelas "igrejas",

onde estas defendem que devemos nos relacionar sexualmente somente com pessoas do sexo oposto (LIMA, 2012).

Podemos observar que o levantamento acerca da problemática deste trabalho é respondido de forma indireta, uma vez que a proposta Queer, seria introduzida lentamente nos currículos escolares para que os educadores trabalhassem com o devido respeito acerca da temática, tendo assim uma escola mais humanizada.

Entretanto, nota-se barreiras impostas pela sociedade e instituições governamentais. Mas tem-se a esperança de que, em um futuro próximo, existirão escolas totalmente livres de preconceitos voltados para dignidade humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho proporcionou uma breve discussão e de muita relevância sobre questões que envolvem a sexualidade através de reflexões da Teoria Queer, que trata do tema a partir de questionamentos acerca do nascimento, quando se diz que a criança é menino ou menina, definindo um padrão de comportamento para ela.

Sobre isso, os valores e comportamentos que se constroem durante a vida estão alicerçados na vivência familiar e escolar. As escolas, por exemplo, mostram a questão da sexualidade de forma científica, apresentando o aparelho reprodutor masculino e feminino para possível fecundação a partir de uma relação heterossexual.

Foi possível compreender que para muitos estudiosos, a questão ser homem ou mulher não significa ser masculino ou feminino necessariamente, mas um pode assumir a identidade do outro e vice-versa ou ir mais além, pois a construção da personalidade se dá através da experiência, das relações com outras pessoas, do desejo, da vivência do dia a dia.

Nesse sentido, o trabalho também demonstrou dados que servirão para reflexão e orientação de profissionais da educação, a respeito de uma melhor intervenção em sala de aula, auxiliando alunos em suas relações com os demais colegas e com a comunidade em geral, diante de situações e ou circunstâncias que pareçam diferentes em que o respeito e a compreensão estejam acima de outros questionamentos.

Percebe-se que o tema é amplo e envolve muitos outros aspectos, como a posição da igreja e o olhar de outros segmentos da sociedade, como psiquiatras, antropólogos e educadores, por exemplo; por outro lado, vê-se a atuação da militância e dos movimentos LGBTQ+, a pluralização das lutas e a construção de uma comunidade diversificada.

Essas questões mostram as dificuldades e preconceitos que passam os grupos dos LGBTQ+ e abrem espaço para manifestações desse grupo e seus apoiadores, em busca de igualdade de direitos, contrariando imposições de uma ordem social que se diz mais ampla e/ou poderosa, de uma parte da sociedade que não aceita o diferente e nem a diversidade. Entretanto, vale ressaltar que independente da opção ou identidade de gênero que cada um deseje seguir, o importante é vislumbrar o valor do ser humano, respeitá-lo e compreendê-lo enquanto participante de uma mesma raça e sociedade, pois do contrário os que assim desejam ser, estariam excluídos e vivendo à margem, e diante disso questionar-se a inteligência humana.

Nessa perspectiva, na criação de estratégias que promovam o respeito à diversidade social e de gênero, um ponto fundamental corresponde à construção coletiva no espaço

escolar, de um equilíbrio entre as diferenças e às crenças religiosas das pessoas, porque esse espaço é considerado como um dos principais lugares de construção de saberes e da desconstrução do preconceito.

Por fim, acreditamos que pais e professores devem ser exemplo e que é necessário manter um diálogo, o que é bastante válido na questão da ideologia de gênero. Ao mesmo tempo os pais não devem buscar censurar a escola e limitar seus ensinamentos. Enquanto isso, os profissionais da educação devem ouvir e demonstrar respeito sobre os diversos valores compartilhados pelas famílias.

Somente dessa forma será possível parar de procurar culpados e começar a construir uma educação voltada para a formação de pessoas conscientes de seus direitos e deveres e que respeitem a diversidade.

Portanto, através de uma avaliação observa-se que os objetivos propostos por esse trabalho foram alcançados, mas ainda tem muito a ser estudado sobre a Teoria Queer e a sua relação e implementação na escola. A resistência social é uma barreira a ser vencida, pois muitos pais e educadores carregam consigo o preconceito contra a comunidade LGBTQ+. Sendo assim, essa temática não se esgota aqui, mas nos desafia a conhecer mais sobre a Teoria Queer e seus desdobramentos na escola e na sociedade, abrindo assim, novos campos de pesquisa e estudos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith Pamela. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

De Universa, em São Paulo. **Brasil registra 329 mortes de pessoas LGBTQ+ em 2019, uma a cada 26 horas**. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/23/brasil-registra-329-mortes-de-lgbt-em-2019-diz-pesquisa.htm?cmpid=copiaecola>. Acessado em 26 out. 2020.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

FOUCAULT, Michel. “À propos de la généalogie de l’éthique: un aperçu du travail en cours”. Dits et écrits. Vol. IV. Paris: Gallimard, 1994. GONSALVES, Elisa Pereira.

Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. 5 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

GIAME, Alain. **A Medicalização da Sexualidade**. Foucault e Lantéri-Laura: História da Medicina ou História da Sexualidade? Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v 15, n 2, p. 259-284. 2005.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 5 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

LIMA, José Rosamilton. **O desafio da escola em trabalhar com a diversidade**. Revista memento. v. 3, n. 1, jan.-jul. 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742000000100012>. Acesso em: 30 jun.2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências**. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v.2, n.2, p.363 – 369, jul - dez 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **TEORIA QUEER - UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO**. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v 9, n. 2, p.541-553, 2001

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MAIA, Dhiego. Há trinta anos, a OMS tirou homossexualidade de catálogo de distúrbios.

UOL Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/ha-30-anos-oms-tirou-homossexualidade-de-catalogo-de-disturbios.shtml> Acesso: 30 de set de 2020.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MISKOLCI, Richard. "A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização". *Sociologias*, v. 21, p. 150-182, 2009.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças**. 2ª edição revista e ampliada. Autêntica, 2012.

MORAIS, Pâmela. **Ideologia de gênero: o que é e qual a polêmica por trás dela?** Disponível em: <https://www.politize.com.br/ideologia-de-genero-questao-de-genero/>. Acessado em: 16 nov. de 2020.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Rio de Janeiro (RJ): Autêntica, 2015.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy *et al.* **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

VIEIRA, Vinícius Almeida. **A cobertura do mundo das travestis nos programas policiais sensacionalistas de TV e suas ressignificações**. 2014. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2000.